

Brasil mais fraterno e mais cristão, urge votar um grande interesse missionário e de solidariedade em Cristo, à imensa Amazônia!

Que assim seja, com a graça divina, que imploramos, pelo valimento de Nossa Senhora de Nazaré, ao abençoar-vos:

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém!

Uma Igreja da Amazônia

Com data de 10 de outubro de 1971 D. Pedro Casaldaliga, bispo de São Félix (MT), publicou um documento com o título "Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social". Do documento não transcrevemos a parte intitulada "Documentação".

Depois de três anos de "missão" neste norte do Mato Grosso, tentando descobrir os sinais do tempo e do lugar, justamente com outros sacerdotes, religiosos e leigos, na palavra, no silêncio, na dor e na vida do povo —, agora, com motivo da minha saagração episcopal, sinto-me na necessidade e no dever de compartilhar publicamente, como que a nível de Igreja nacional e em termos de consciência pública, a descoberta angustiosa, premente.

Para dar a conhecer esta Igreja às outras Igrejas irmãs, à Igreja. Para pedir e possibilitar, também desde esta Igreja, uma maior comunhão, uma colegialidade mais real, uma mais decidida co-responsabilidade. Talvez também para despertar e chamar respostas e vocações concretas...

Nenhuma igreja pode viver isolada. Toda igreja é universal, na comunhão de uma mesma Esperança e no comum serviço do amor de Cristo que liberta e salva. "... Cada parte contribui com os seus dons peculiares para as demais e para toda a Igreja, de modo que o todo e cada parte crescem por comunicação mútua e pelo esforço comum em ordem a alcançar a plenitude na unidade". (LG 13).

O "momento publicitário" de projetos e realizações que a Amazônia está vivendo, e a opção de prioridade que a própria Igreja do Brasil fez por ela, através da CNBB, justificam também com nova razão esta minha declaração pública.

Se "a primeira missão do bispo é a de ser profeta" e "o profeta é aquele que diz a verdade diante de todo um povo"; se ser bispo é ser a voz daqueles que não têm voz (Card. Marty), eu não poderia, honestamente, ficar de boca calada ao receber a plenitude do serviço sacerdotal.

Situação Geográfica

Esta Prelazia de São Félix, bem no coração do Brasil, abrange uns 150.000 km² de extensão, dentro da Amazônia legal, no nordeste do Mato Grosso, e com a Ilha do Bananal em Goiás. Está encravada entre os rios Araguaia e Xingu e lhe faz como de espinha dorsal, de Sul a Norte, a Serra do Roncador.

O decreto de ereção da Prelazia, "Quo commodius", assinado por Paulo VI, aos 13 de março de 1970, define assim os limites estritos da Prelazia de São Félix: "Ao norte, os confins da Prelazia de Conceição do Araguaia, que atualmente delimitam os Estados do Pará e Mato Grosso; ao leste os confins da Prelazia de Cristalândia,

e ao oeste os da Prelazia de Diamantino, ou seja os rios Araguaia e Xingu; ao sul a linha traçada em direção noroeste desde a confluência dos rios Curuá e das Mortes; e daí em linha reta até a confluência dos rios Couto de Magalhães e Xingu".

Compõem o solo da Prelazia terras de mata fértil, florestas, grandes pastagens, margens de areia e argila, campos e cerrados, sertão e várzeas. Duas estações, bem marcadas, de clima sub-equatorial, se repartem o ano todo: "as chuvas", de novembro até abril, e "a seca" de maio a outubro.

Cruzam o território duas estradas "de terra", de empreendimento da SUDECO (a BR-158, Barra do Garças — Xavantina — São Félix, e a BR-80, em construção, Araguaia-Xingu — Cachimbo — Cuiabá/Santarém).

A Prelazia compreende todo o município de Luciara, ao norte, e, ao sul, mais da metade do município de Barra do Garças. Além da Ilha do Bananal, formada pelos dois braços do rio Araguaia.

São Félix, a sede da Prelazia, é só distrito e pertence à Prefeitura de Barra do Garças, a uma distância de quase 700 kms.¹

Dentro da área do município de Barra do Garças, além da sede da Prelazia, com uns 1.800 habitantes, situam-se os povoados de Pontinópolis, Campos Limpos/Cascalheira, Santo Antônio, Serra Nova, Garapu, Barreira Amarela... O município de Luciara inclui a sede da Prefeitura² e os lugares de Santa Terezinha (com o antigo núcleo fundacional de Furo das Pedras), Cedrolândia/Porto Alegre, Lago Grande, "2 de Junho", "São Sebastião"... Dentro da Ilha do Bananal está Santa Isabel do Morro — "a capital", com aeroporto oficial da FAB —, São João do Javazé e Barreira de Pedra.

Existem na área da Prelazia as aldeias indígenas da metade leste do Parque Nacional do Xingu, à margem direita do rio, e as aldeias de São Domingos, Santa Isabel, Fontoura, Macaúba, Tapiapé, Canuanã, Cachoeirinha, Areões, Barra do Tapiapé e Luciara.

Localizam-se na região a maior parte dos empreendimentos agropecuários — Fazendas ou Companhias — aprovados pela SUDAM. Entre eles, a Suiá-Missu, Codeara, Reunidas, Frenosa, Bordon, Guanabara, Elagro, Tamakavy, etc.

Panorâmica sócio-Pastoral

Torna-se praticamente impossível, por enquanto, dar uma estatística do contingente humano que habita o território da Prelazia.

Os dados do IBGE para todo o município de Barra do Garças, no recenseamento de 1970, apontam uma cifra de 28.403. Entretanto a estimativa da população total, segundo os "Dados estatísticos do município de Barra do Garças, MT, (Secretaria municipal de Educação e Saúde, 23 de março de 1971), é de 52.000. Para o município de Luciara, o censo de 1970, do mesmo IBGE, assinala o número de 5.332 habitantes...

¹ São Félix — na margem mato-grossense do Araguaia — foi fundada em 1941 pelo piauiense Severiano Neves, que se amparou sob o patrocínio de São Félix de Valóis, como acreditado protetor "contra" os índios... Pelo Decreto Pontifício de ereção da Prelazia foi constituída titular Nossa Senhora do mistério da sua Assunção, e é agora Nossa Senhora da Assunção a padroeira também da cidade de São Félix.

² Luciara foi fundada em 1934 pelo leonês Lúcio da Luz, vindo do Pará. Chamada inicialmente de "Mato Verde" passou a tomar definitivamente os nomes do fundador Lúcio e do Rio Araguaia em cuja margem está assentada.

A estimativa aproximada de toda a população da Prelazia poderia ser de 50.000 a 60.000 habitantes. Com uma ampla faixa de população flutuante ao lado da população relativamente fixa. (Pode-se considerar tónica de todo o setor humano da região, excluído o indígena, a instabilidade habitacional).

A maior parte do elemento humano é *sertanejo*: camponeses nordestinos, vindos diretamente do Maranhão, do Pará, do Ceará, do Piauí..., ou passando por Goiás. Desbravadores da região, "posseiros". Povo simples e duro, retirante com por destino numa forçada e desorientada migração anterior, com a rede de dormir nas costas, os muitos filhos, algum cavalo magro, e os quatro "trens" de cozinha carregados numa sacola.

Adauta Luz Batista, filha da região e protagonista da história local, se refere a eles com este significativo depoimento: "Acostumados com a aspereza da vida agreste, desprezados pela esfera dos altos poderes, ludibriados na sua boa fé de gente simples, eles vêem os seus dias, à semelhança das nuvens negras, sempre anunciando um mau tempo. Ele (o sertanejo) é a vítima da ganância alheia, da inconsciência dos patrões, da exploração dos trêfegos políticos que na região aparecem de eleição em eleição para pedir o voto; e mais que tudo isto, da sua própria ignorância. É o homem que comete muitas das vezes um crime, porque embargando-se-lhes o direito, só lhe resta a violência. Esse infeliz, sobejo das pragas e da verminose, vive na penumbra de um futuro incerto.

"Indiferentes a tudo, eles vão ganhando o pão de cada dia, pois para eles só existem dois direitos: o de nascer e o de morrer. O produto de seus esforços somado ao de seus sacrifícios vai aparecendo lentamente nos grandes armazéns das vilas, ou numa cabeça de gado a mais nas fazendas circunvizinhas. Uma doença, uma boda, uma viagem, podem acabar com toda um vida de dolorosas poupanças. O sertanejo nunca conheceu a lei do protesto, das greves, do direito ou do uso da razão. Todo o seu cabedal histórico está dentro das quatro paredes de um misero rancho e na prole que aparece descontroladamente. Desfaz as suas profundas mágoas entre um e outro copo de cachaça, ou num cigarro de palha, cujas baforadas se encarregam de levar bem longe a infelicidade que ele tem bem perto". (Da "Pesquisa Sociológica" realizada pelo professor Hélio de Souza Reis, em São Félix, durante o ano de 1970).

Os *indígenas* constituem uma pequena parte dos moradores. Os *Xavantes*: caçadores, fortes, bravos ainda faz poucos anos quando semeavam o terror por estas paragens. Receosos. Bastante nobres. Os *Carajás*: pescadores, comunicativos, fáceis à amizade, festeiros, artesãos do barro, das penas dos pássaros e da palha das palmas; moles e adoentados, particularmente agredidos pelos contatos prematuros e desonestos com a chamada Civilização, por meio do funcionalismo, do turismo e do comércio: com a bebida, o fumo, a prostituição e as doenças importadas. Os *Tapirapés*: lavradores, mansos e sensíveis; mui comunitários e de uma delicada hospitalidade.

As várias tribos agrupadas dentro do Parque Nacional do Xingu seriam oficialmente virgens se atendermos à publicidade do Parque, controlada e dirigida. De fato se beneficiaram de um certo isolamento; depois de sofrer maior ou menor deportação. Foram porém afetadas por presenças e atuações discutíveis.

O restante da população está formado por fazendeiros, gerentes e pessoal administrativo das fazendas latifundiárias, quase sempre sulistas distantes, como estrangeiros de espírito, um pouco super-homens, exploradores da terra, do homem e da política. Por funcionários da FUNAI e de outros organismos oficiais, com as características próprias do funcionário "no interior". Por comerciantes e marreteiros, motoristas, boiadeiros, pilotos, policiais, vagabundos, foragidos e prostitutas. E principalmente por peões: os trabalhadores braçais contratados pelas fazendas agropecuárias, em regime de empreitada. Trazidos diretamente de Goiás ou do Nordeste, ou vindos de todo canto do país; mais raramente moradores da região, que neste caso são comumente rapazes. (Muitos dos peões passam a ser moradores da região após se "libertar" do serviço das fazendas.)

Para uma apreciação pastoral do elemento humano da Prelazia seria preciso distinguir as diferentes faixas de população que acabo de anotar.

É interessante recolher aqui um trecho da apreciação que faz sobre o *racismo* na região a citada "Pesquisa sociológica": "Há uma série de degraus na consideração racista das pessoas: Sulista-Sertanejo (nordestino); Branco-Preto; "Cristão"-Índio. O sulista fala em "essa gente", "esse povo", "aqui nunca vieram, não sabem nem...", "são índios mesmo", etc... O índio não é considerado gente pelo sertanejo. Ninguém confia em índio. Expressões sintomáticas: "O governo nos trata como carajá". Quando um índio atua, reage, se comporta "normalmente", o comentário é: "... que nem gente", "feito gente"... "Fulano tem cabelo bom", "sicrano tem cabelo ruim"... o branco é considerado superior e tem cabelo liso, logo o cabelo liso é bom, superior; e o cabelo pixaim é ruim, inferior, por ser de negro, considerado raça inferior..."

Há umas constantes de conduta, mais ou menos comuns em todos os moradores desta região, derivadas da situação ambiente (clima, distâncias, mobilidade). Outras constantes talvez se poderiam considerar patrimônio comum da alma brasileira.

O povo da Prelazia, mais estritamente tal — o sertanejo — é o povo nordestino depois, de alguns anos — e até muitos — de vida retirante, e havendo incorporado à sua vida os condicionamentos da região.

É um povo de admiráveis virtudes básicas: a *hospitalidade* universal, espontânea, sem preço: levando mesmo à filiação adotiva. Uma hospitalidade que se sente e se pratica como dever natural. A *abnegação*. "O sertanejo é antes de tudo um forte", disse Euclides da Cunha. É um forte de espírito. A *resignação*, quando não for fatalismo e passividade. Uma resignação de última instância que a gente adivinha como sendo um substrato de Esperança teológica. O *sentido religioso* da vida, do universo. A *mateabilidade*, a capacidade de admirar, de escutar, de aprender. Uma profunda vida interior: de experiência, de silêncios, de reflexão — mesmo elementar —, de saudável, astúcia. A *simplicidade*: uma pureza de espírito que se revela até nos «pecados» e «crimes». A *coragem* frente a natureza brava, contra o "destino" e a injustiça permanente, no total abandono social. (Um posseiro — moço novo — ameaçado de morte pelos poderes do latifúndio e com a perspectiva de deixar órfãos 7 filhos, crianças, expressava-se assim: "Confio em mim; é confio em Deus. A vida que eu tenho, eles têm. Eles têm o medo que eu tenho... Deus quando dá filhos confia nele mais do que no pai... Eu não vi pai na minha casa!"

É um povo religioso. Acredita em Deus, sem discussão. Com uma fé primitiva, entre o "terror de Deus" e a gratidão mais sentida. Aquele "graças a Deus", tirando o chapéu e com os olhos levantados, é todo um símbolo. As promessas são cumpridas fielmente de geração em geração. Tudo vem de Deus. Diretamente. As "causas segundas" ou a secularização seriam para esta gente uma presunção temerária, uma monstruosa heresia. Toda desgraça é um castigo de Deus. Deus é um instrumento mágico. Pode-se até prescindir dos meios naturais: "Com fé em Deus..."

Transcrevo o julgamento, para ser meditado, da "Pesquisa Sociológica" do professor Hélio: "Os homens dos sertões brasileiros, ainda que batizados, foram e ainda são abandonados pela Igreja. São cristãos esparramados por estes sertões infundos, que passaram anos sem ver cara de padre, a não ser no tempo das desobrigas. A Igreja parece ter adotado a atitude da classe dominante, que considera o sertanejo um sub-homem, sem direitos. E por analogia, um cristão de 2ª classe. E hoje, deparamos com o catolicismo das promessas, dos santos e dos espíritos: um verdadeiro sincrismo religioso, onde a ignorância e as superstições florescem viçosamente".

O povo pratica, com zelo quase fanático na materialidade do ato (com visível distância espiritual, em muitos casos, por parte dos homens e da gente nova), as características "rezas", "bênçãos", "novenas", guarda de inumeráveis dias santos e ritos vários (nas doenças, nos encontros, no trabalho, nos enterros, nos mil momentos da vida; até no jeito próprio de colocar as balas no revólver...).

A *superstição* (assombração, benzeção, mitos, feitiços, messianismo, fatalismo) domina profundamente a alma deste povo, mesmo quando encoberta por uma capa externa de conscientização, de machismo ou de modernidade.

A *desobriga* sacramentalizou sem evangelizar, sem edificar Igreja. Os sacramentos são mais uma "benção". Procura-se o *batismo* dos filhos como uma saída automática do paganismo, como um salvo-conduto e até como um remédio. Pede-se até batizar os filhos já mortos. A *crisma* é apenas uma nova oportunidade de arranjar padrinhos: duvido que uma dúzia de pessoas de toda a região pudesse dar uma idéia certa do que é realmente a Confirmação. Confunde-se frequentemente "confessar" com "comungar". A eucaristia é ignorada. A *Missa* é uma reza. Quando o padre passava, nas desobrigas, eram "batizados" sobre o altar os santinhos e as imagens. E escutava-se com fé, mas sem poder entender. E aquela era a oportunidade do encontro, dos noivados fulminantes, dos batizados, de casamentos "no queimo", das festas e bebedeiras, das brigas e tiros também. O casamento "no padre", "pela Igreja", "religioso", é reconhecido como o verdadeiro *matrimônio*, porém aceita-se com a maior naturalidade o simples casamento civil, durante anos, ou o amigamente, e se "larpam" marido e mulher com uma frequência preocupante.

O sacerdote, o padre, batiza e casa, traz remédios, dá carona, sabe muito. É diferente. Está de passagem. É respeitado, até o medo. (O povo conheceu muitos padres "bravos"). E quase sempre é um estrangeiro. Certamente esta imagem do padre, na Prelazia, está-se modificando, e essa mudança questiona e compromete a fé do povo.

* Expressão popular para indicar um casamento improvisado, resolvido na hora.

A *Moral* sofre particularmente pelas leis primárias de vingança — hereditária muitas vezes, verdadeiro ônus familiar —, da justiça tomada por própria mão; pela *valentia* e pela *embriaguez* frequentíssima. (Ao longo das estradas e em todo canto de rua surgem os botecos de pinga. O maior comércio da região é a cachaça). A infidelidade conjugal. A fragilidade da família, uma sexualidade entre primitiva e mórbida, tropical e de compensação, abalam também constantemente a Moral. A prostituição é praga. De São Félix têm-se feito cálculos e juízos alarmantes. O "Pingo" — cabaré local — funciona em plena cidade para escândalo das famílias e dos menores e para ameaça da saúde e da segurança públicas. O mesmo acontece em outros povoados da região. A maioria das "raparigas" já foram casadas; são "largadas" do marido. A idade prematura com que as moças se casam — as que não se casaram antes dos 18 anos se consideram ou são consideradas "coroas", feita exceção das estudantes — pode ser uma explicação fundamental do caso.

O fatalismo e a irresponsabilidade se conjugam com uma habitual *preguiça tropical* que não é possível qualificar de "defeito moral", já que está condicionada pela desnutrição, pelo clima, pelas doenças endêmicas, pela falta de perspectiva social.

O mesmo fatalismo, sócio-religioso, explica o medo em falar a verdade e em reclamar os direitos mais elementares. (A alienação política e social é extrema. Segundo a referida Pesquisa local de São Félix, 42% ignora o nome do Prefeito; 80%, o do Governador; 79%, o do Presidente da República. A pergunta "o que acham dos políticos?", 33% respondeu que "não conhece esta gente, não se preocupa com isto, não tem opinião formada, não tem paixão por isto".) Não se fala, porque nunca se pôde falar; porque as represálias — da política local, dos manda-chuvas das fazendas, dos poderosos na política ou no comércio — são automáticas. "Pobre não tem voz". "Peão não é gente". "É fuá desse povo"... O Juiz de Direito vive a centenas de quilômetros e viajar a Brasília ou a Cuiabá supõe uma fortuna e boa influência.

A *injustiça* dominante, consubstancial à única estrutura conhecida, solo e suor da própria vida durante gerações, impossibilitam até mesmo a concepção da Moral como *Moral cristã*, a Nova Lei de Cristo, o Mandamento Novo.

A partir dos casamentos "no queimo", ou pela imposição do noivo por parte dos pais, ou por causa da notável diferença de idade entre o homem e a mulher, ou pelo absoluto despreparo fisiológico, psicológico, sociológico, pedagógico e pastoral dos cônjuges, a *família* está em fácil quebra.

A situação da *mulher*, em geral, é humilhante. Ela nem decide, nem se apresenta, nem pode reclamar. O homem não é gentil com ela.

Falta ternura.

Certamente não há planificação familiar nenhuma, nem "paternidade responsável". Tem-se um filho por ano. A mulher deixa de ter filhos porque envelheceu ou porque — foi "operada", já numa extrema precisão.

A *educação dos filhos* é ainda na base do "cipó", do grito, do respeito e obediência inapelável, sem diálogo. Os filhos são entregues, com facilidade a padrinhos, compadres ou vizinhos. O filho de criação é uma figura habitual neste interior, e cujos traumas psicológicos, profundos, não são reconhecidos e no futuro da vida dificilmente serão superados.

As famílias se desagregam facilmente: por separação conjugal, por motivos de serviço, por viagens, por uma inconsciente força de destino ou de aventura — que em última instância revelam sempre a inexistência da verdadeira família e uma pré-estrutura social desmantelada. O pai não tem onde ganhar, talvez; ou não possui terra. Os filhos mais crescidos, por falta de fontes de trabalho, "têm que se virar" longe de casa. Quem sai "para se tratar", em Goiânia, ou em Brasília, ou em Mineiros, ou quem foi espoliado no lugar por curandeiros ou "práticos" desonestos, desequilibrou fatalmente a fraca instabilidade familiar.

O *retirantismo do povo sertanejo*, e a instabilidade habitacional, familiar, total, dos peões flutuantes, colocam à Igreja local um interrogante angustioso na hora de concretizar a Pastoral em termos de comunidade de Fé e de Caridade, estável, acompanhada, promovida. Como se faz "comunidade de base" com um povo em constante dispersão?

Com respeito aos fazendeiros — que normalmente não moram na região — e aos gerentes e pessoal administrativo das companhias latifundiárias — que moram aqui com intermitência — a ação pastoral é praticamente impossível, sempre que não se aceite o poder de opressão social que eles encarnam; sempre que não se queira amancebar a Missa, esporádica, com a injustiça permanente, e a presença do padre — da Igreja — na sede da Fazenda (nos seus tecos-tecos, nos seus refeitórios, nos seus escritórios paulistas ou gaúchos) com a ausência do Evangelho e da Justiça no conflito dela com os posseiros e nos barracões, nas derrubadas e na vida toda dos peões escravos.

Isso é o que a gente pensa depois de três anos de vida e de luta. Ajudar a libertação dos oprimidos é o meio mais direto e eficaz de contribuir para a libertação dos opressores. Nem todos "poderão" entender esta atitude. É uma opção dolorosa, de pobreza, de risco e de "escândalo" evangélico...

Outro setor da visão pastoral da Prelazia diz respeito à vida e ao trabalho ecumênico. O *Ecumenismo do sertão* (do interior, de modo mais geral) mereceria um planejamento à parte.

A Prelazia tem apenas algum grupo da Igreja Adventista do Sétimo Dia, alguns membros das Novas Tribos, e, principalmente, vários núcleos pentecostais — reduzidos — da Assembléia de Deus. Estes últimos, carismáticos, integristas e bem unidos com "os irmãos" conseguiram uma certa gozação por parte dos católicos "festivos" e uma natural consideração do povo. Entre o pastor pentecostal — e outros ministros, em menor grau — e nós, as relações são de respeito pleno e até de amizade. Porém não há, por enquanto, condições de trabalho ecumênico entre as comunidades, na fé, no culto; nem sempre na promoção humana, quando esta atinge os limites de uma luta pela justiça. O crente pentecostal é mais passivo ainda que o católico, na sua total confiança no Deus que salva, e é mais desencarnado e espiritualista.

A falta de nível cultural e de conscientização sócio-política afetam gravemente as relações ecumênicas.

Latifúndio

Todo o território da Prelazia está situado dentro da área da Amazônia legal, a cargo da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia — SUDAM. E nesta porção de território estão localizados a maior parte dos empreendimentos

agropecuários criados com os incentivos deste órgão.

As terras todas compradas — ou requeridas — ao Governo do Mato Grosso por pessoas interessadas, não os moradores, a preços irrisórios, foram depois vendidas a grandes comerciantes de terras, que posteriormente as vendem a outros. Abelardo Vilela e Ariosto da Riva, dois destes comerciantes, tidos como pioneiros e desbravadores da Amazônia, segundo afirmações suas, já venderam mais de um milhão de alqueires (Jornal da Tarde, 21-7-1971).

Até fins de 1970, tinham sido aprovados para os municípios de Barra do Garças e Luciara 66 (sessenta e seis) projetos. De lá para cá muitos outros novos já foram criados, como a BORDON S/A, dos Frigoríficos Bordon, NACIONAL S/A, do Banco Nacional de Minas Gerais, cujo presidente é o ex-ministro das Relações Exteriores Magalhães Pinto, UIRAPURU S/A, do jornalista-latifundiário David Nasser, etc...

As áreas de alguns destes empreendimentos, em território da Prelazia, são absurdas. Destacando-se entre todas a Agropecuária Suiá-Missu S/A com 695.843 ha. e 8.351 m², que corresponde aproximadamente a 300.000 alqueires, área 5 vezes maior que o Estado da Guanabara e maior também que o Distrito Federal, de propriedade de uma única família paulista: a família Ometto. Destacam-se também a Cia. de Desenvolvimento do Araguaia — "CODEARA", com área de 196.497,19 ha.; Agropasa, com 48.165 ha.; Urupianga, com 50.468 ha.; Porto Velho, com 49.994,32 ha. e assim por diante.*

Além de serem extensões praticamente inconcebíveis, muitos destes empreendimentos formam grupos somando assim suas já enormes áreas, como é o caso das conhecidas Fazendas Reunidas, que congregam 3 ou 4 fazendas, "de propriedade do sr. José Ramos Rodrigues, o "Zezinho das Reunidas", dono da Empresa de Ônibus "Reunidas" de Araçatuba" (O Estado de São Paulo — 9-5-71). Tapiraguaiá, Sapeva e Brasil Central também formam um grupo. O sr. Orlando Ometto é também sócio da Tamakavy S/A, etc.

Esses empreendimentos latifundiários surgiram graças aos incentivos dados pelo Governo, através da SUDAM. É a aprovação oficial e financiada do grande latifúndio, com todas as conseqüências que dele advêm. Somas fabulosas são invertidas na região pelas pessoas jurídicas legalmente estabelecidas no Brasil, subtraídas ao imposto de Renda devido.

"Eis os principais benefícios fiscais concedidos às pessoas jurídicas sediadas no País:

- Dedução de 50% do Imposto de Renda das pessoas jurídicas sediadas no País, para financiamento de projetos aprovados pela SUDAM;

- Isenção total ou redução de 50% do Imposto de Renda devido, por 10 (dez) anos, para os empreendimentos instalados ou que venham a se instalar até 31 dezembro de 1974;

- Isenção de quaisquer Impostos e Taxas, incidentes sobre a importação de máquinas e equipamentos necessários à execução de projetos de empreendimentos que se localizem na área de atuação da SUDAM;

* Na Documentação damos uma relação completa de todos os projetos aprovados pela SUDAM até 1970, situados nesta região.